

“Separando o que é polémico das coisas boas da Reforma, os católicos estão, agora, capazes de dar ouvidos aos desafios que as posições de Lutero constituem para a Igreja de hoje, reconhecendo-o como uma *‘testemunha do Evangelho’*. E assim, após séculos de condenações e desprezos mútuos, em 2017, católicos e luteranos irão comemorar juntos, pela primeira vez, o início da Reforma”.



Lutero, numa pintura a óleo de Lucas Cranach, o Velho.

o ano de Lutero



Não sabemos o que se vai passar em 2017, mas sabemos o que se passou há 500 anos ou há 100 anos. A 30 de Outubro festejar-se-ão os cinco séculos da afixação das 95 teses do monge agostiniano Martinho Lutero na igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha. E a 7 de Novembro comemorar-se-á um século da tomada de poder pelos soviéticos, em Petrogrado, na Rússia. Estou em crer que o primeiro evento foi mais determinante para o futuro da Europa e do mundo. Respaldo-me em Eduardo Lourenço, que, numa conferência em Coimbra, afirmou: “A Europa já existiu quando se chamava a Cristandade, antes do *clash* que é porventura o acontecimento mais importante da história europeia, que foi a Reforma. A Reforma traçou, dividiu a Europa, por dentro, em duas. É um drama, mas ao mesmo tempo é uma peripécia absolutamente extraordinária da História do Mundo, porque não há nada mais importante para a definição de uma entidade, (...) dum povo, duma nação, do que a sua inserção em qualquer coisa que nós poderemos chamar da ordem da crença”. O bater de asas da borboleta foi, em 1517, uma reacção contra o pagamento a Roma de indulgências para remissão dos pecados. Passados três anos, Lutero era excomungado, vendo-se porém protegido por sete príncipes alemães que assinaram a Confissão de Augsburg. O vendaval reformista que se seguiu levou à existência hoje de mil milhões de protestantes no mundo, cerca de 40 por cento da Cristandade. E, mais do que isso, à emergência de uma nova mundividência. O sociólogo alemão Max Weber defendeu, num livro tão famoso quanto controverso, a relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo. Seja qual for a causa, o certo é que a Europa do Norte se desenvolveu mais rapidamente do que a do Sul e que, nos nossos dias, o futuro da Europa tem muito que ver com o modo como evoluirá essa clivagem.

Lutero foi um professor de Teologia (para o cardeal francês Yves Congar, “um dos maiores gênios religiosos de toda a história, no mesmo plano que Santo Agostinho e São Tomás de Aquino”) e, em particular, um devoto tradutor da Bíblia. A Bíblia luterana, que saiu do prelo em 1534, ajudou a formar o *Hochdeutsch*. Frederico Lourenço, na apresentação da sua recente tradução do *Novo Testamento* a partir do grego, chama a atenção para o atraso da tradução da Bíblia em português. Consta que o rei D. Dinis foi o primeiro tradutor de parte do *Génesis* para a língua portuguesa. Mas só – pasme-se! – em 1753 se acabou de publicar em Jacarta a primeira tradução portuguesa integral dos textos sagrados, pela mão principal de João Ferreira de Almeida, o pastor da Igreja Reformada Holandesa que, nascido em Mangualde, viveu na Indonésia. Existia, na época, uma interdição pela Santa Sé da leitura da Bíblia em qualquer língua que não fosse o latim da Vulgata, língua que poucos dominavam.

Em Portugal houve, como é sabido, Contra-Reforma sem haver Reforma. A Inquisição, que aqui chegou em 1536, era principalmente dirigida aos judeus, mas logo desde o início se encarregou de quebrar quaisquer veleidades aos luteranos. Um dos casos mais famosos foi o de Damião de Góis, condenado por ter falado, comido e bebido com o “maldito Martinho Lutero”. Outro foi o do egresso dominicano Fernão de Oliveira, autor da primeira *História de Portugal* e da primeira gramática de português, culpado por defender, *inter alia*, que o rei da Inglaterra não era herege. Outro ainda foi o de três lentes do Colégio das Artes de Coimbra - Diogo de Teive, João da Costa e George Buchanan, este escocês - que foram sentenciados por opiniões heréticas. Os estrangeiros eram vistos com especial suspeição e as prevaricações severamente punidas: William Gardiner, mercador inglês estabelecido em Lisboa, foi queimado vivo a mando do Santo Ofício por um atentado à Eucaristia na capela real.

Na Alemanha haverá numerosos eventos sobre Lutero. Um deles, na Casa de Lutero em Wittenberg, será a exposição “**95 tesouros – 95 pessoas**”, que falará da influência dele em Johann Sebastian Bach, Thomas Mann, Martin Luther King e até Edward Snowden, o mais moderno dos cismáticos. Em Roma o papa Francisco celebrará o ecumenismo. Em Lisboa realizar-se-á, em Novembro, o congresso internacional “Um Construtor de Modernidades: 500 anos das teses de Lutero.”

Es lebe Luther!

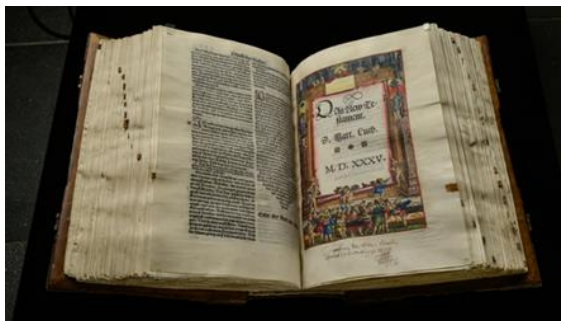
Carlos Fiolhais

In *Público*, 04.01.2017

a Santa Sé reconhece Lutero como “uma testemunha do Evangelho”

“Separando o que é polémico das coisas boas da Reforma, os católicos estão, agora, capazes de dar ouvidos aos desafios que as posições de Lutero constituem para a Igreja de hoje, reconhecendo-o como uma ‘testemunha do Evangelho’. E assim, após séculos de condenações e desprezos mútuos, em 2017, católicos e luteranos irão comemorar juntos, pela primeira vez, o início da Reforma”.

A reportagem é de JESÚS BASTANTE, e vem publicada em *Religión Digital*, 04-01-2017.



Este é o texto consensualmente redigido pelo CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS e a COMISSÃO FÉ e CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS, com vista à **Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos**, que se celebra de 18 a 25

do próximo mês de Janeiro e que, este ano, tem como tema fulcral o V Centenário da Reforma Luterana.

Neste documento, tanto a Santa Sé como o Conselho Mundial das Igrejas, encorajam a **“buscar a unidade durante todo este ano”**, e apresentam uma série de reflexões conjuntas para a Semana de Unidade **“e para todo o ano”** de 2017. Um ano cheio de esperanças no campo ecuménico.

Assim, na introdução ao tema, destaca-se o facto de, em 1517, **“Martinho Lutero ter expressado preocupações, sobre o que ele considerava serem abusos da Igreja do seu tempo, tornando públicas as suas noventa e cinco teses. Em 2017, celebram-se os quinhentos anos** [<http://www.ihu.unisinos.br/561784-500-anos-da-reforma-manifesta-o-desejo-de-um-futuro-de-diversidade-reconciliada-entrevista-especial-com-walter-altmann>] **desse acontecimento chave do movimento de reforma que marcou a vida da Igreja ocidental, ao longo de vários séculos”**.

Um acontecimento que, reconhece o texto, também nos últimos anos **“constituiu um tema controverso na história das relações inter-eclesiais na Alemanha”**. Após **“extensas e, por vezes, difíceis discussões”**, sobre a conveniência de **“celebrar”** uma rutura, chegou-se à conclusão de que **“se se colocar a ênfase em Jesus Cristo e na sua obra de reconciliação como centro da fé cristã, todos os interlocutores ecuménicos da EKD (católicos romanos, ortodoxos, batistas, metodistas, menonitas e outros) poderão participar nas celebrações desse aniversário”**.

“Se tivermos em conta que a história da Reforma se caracterizou por uma dolorosa divisão, este é um considerável passo em frente”, constata o documento, que cita o documento “Do conflito à comunhão” [<http://www.ihu.unisinos.br/561314-dialogo-catolico-luterano-a-500-anos-da-reforma-o-documento-do-conflito-a-comunhao>], **elaborado pela Comissão Luterano-Católica Romana sobre a Unidade, como sendo fundamental para entender o trabalho em prol da unidade, e para “se chegar a um entendimento partilhado da comemoração”**. Assim, **“após séculos de condenações e desprezos mútuos, em 2017 cristãos luteranos e católicos irão, pela primeira vez, comemorar juntos o início da Reforma”**.

Neste contexto de aniversário, o Conselho das Igrejas da Alemanha (ACK), convidado pelo Conselho Mundial das Igrejas, assumiu a tarefa de elaborar os materiais para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano. O comité, composto por uma dezena de membros de diferentes confissões cristãs, assumiu a tarefa de comemorar a Reforma Luterana e de lutar pela unidade, enfatizando dois aspetos: **“por um lado, deverá haver uma celebração da graça e do amor de Deus, a ‘justificação da humanidade somente pela graça’, refletindo a principal preocupação das Igrejas marcadas pela Reforma de Martinho Lutero. Por outro lado, deverá, também, ser reconhecida a dor causada pelas profundas divisões subsequentes, que afligiram a Igreja, abordando com toda a abertura o tema da culpa, e criando oportunidades para se avançar no sentido da reconciliação”**.

Finalmente, foi a Exortação Apostólica do Papa Francisco de 2013, a ***Evangelii gaudium*** (**“A Alegria do Evangelho”**), que contribuiu para a escolha do tema deste ano, ao recorrer à seguinte citação: **“O amor de Cristo nos impele”**.

Ainda neste documento, as diversas confissões cristãs propõem-se **“ir para além das nossas preces pela unidade entre os cristãos”**, apelando a um **“testemunho comum”**. E a seguir afirma-se: **“O mundo precisa de embaixadores da reconciliação, que destruam barreiras, construam pontes, promovam a paz e abram portas a novas formas de vida, em nome daquele que nos reconciliou**

com Deus, Jesus Cristo. Em seu nome, o seu Espírito Santo nos conduz pelo caminho da reconciliação”.

Enquanto se preparava este texto (2015), “muitas pessoas e Igrejas, na Alemanha, iam pondo em prática a reconciliação, disponibilizando hospitalidade aos numerosos refugiados que ali chegavam vindos da Síria, do Afeganistão, da Eritreia, e dos Balcãs ocidentais, em busca de proteção e duma nova vida. A ajuda concreta e as ações levadas a cabo contra o ódio aos estrangeiros, constituíram um claro testemunho de reconciliação para a população alemã. Enquanto embaixadoras da reconciliação, as Igrejas ajudaram, ativamente, os refugiados, na busca de novos lares, enquanto, ao mesmo tempo, tentavam melhorar as condições de vida nos seus países de origem. As ações concretas de ajuda são tão necessárias como a oração em conjunto pela reconciliação e pela paz, se de facto pretendemos que aqueles que fogem de situações terríveis, possam encontrar alguma esperança e consolo”.



“Que a fonte da graça reconciliadora de Deus jorre na Semana de Oração deste ano, a fim de que muitas pessoas possam encontrar a paz, e para que se possam construir pontes. Que muitas pessoas e Igrejas possam ser impelidas, pelo amor de Cristo, a viver vidas reconciliadas e a derrubar os muros que nos separam”, conclui o documento, num apelo a prosseguir um

caminho cujo primeiro grande passo foi dado por Francisco em Lund, ao subscrever uma declaração conjunta [<http://www.ihu.unisinos.br/561841-catolicos-e-luteranos-se-comprometem-a-eliminar-os-obstaculos-que-impedem-a-plena-unidade>] com o presidente da Federação Luterana Mundial.

[...].

Para a Comissão de Relações Interconfessionais da CEE, as viagens do Papa a Lesbos, em companhia do Patriarca Bartolomeu, o seu encontro com Kirill em Havana, a assinatura de um documento conjunto com o arcebispo de Canterbury, Justin Welby, o Concílio Pan-ortodoxo de Creta, ou o encontro inter-religioso celebrado em Setembro, em Assis, “constituem um estímulo a que nos comprometamos, com mais vigor ainda, com os diálogos ecuménicos, aos seus vários níveis, a fim de chegarmos, em breve, a um mútuo reconhecimento da validade dos sacramentos e do ministério eclesial”.

cinema

Silêncio:

Um filme muito duro...

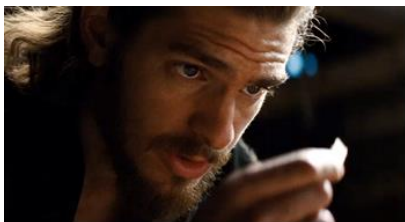


Quadro “**Mártires do Japão**”, óleo sobre tela do século XVIII, provavelmente originário de Macau. Retrata um grupo de frades jesuítas, franciscanos e laicos japoneses crucificados em Nagasáqui a 5 de fevereiro de 1597. Os mártires retratados foram canonizados em 1862. Está exposto na capela do Paço Ducal, em Vila Viçosa.

O tema crucial do filme de **Scorsese** é o da barreira cultural entre uma religião estrangeira e a cultura japonesa. O «**Silêncio**» é um filme difícil como o romance de **Shusako Endo**. Há uma grande fidelidade à obra, que foi recebida com reticências pelos cristãos japoneses. Graham Greene considerou, no entanto, o romance uma obra-prima.

O cristianismo nipónico é heterogêneo e surpreendente – os mártires coexistem com os cristãos escondidos, os que preferiram o testemunho público e os que mergulharam na sociedade, divididos entre as fidelidades do gesto e do princípio. A dúvida liga-se ao remorso. E Cristo representado no *fumie*, a pequena placa usada para consumir a apostasia, diz: «Podes

pisar-me!». Afinal, o mistério do silêncio está no centro desta reflexão, como ausência de palavras, audição do universo e fidelidade íntima. Vem à lembrança a negação de Pedro, a pedra em que assentou a Igreja. A distância cultural torna-se mais forte que os julgamentos precipitados de traição. Cristóvão Ferreira é obrigado a defrontar-se com as consequências de uma opção limite em que a fé pessoal está ligada ao destino de muitos cristãos japoneses condenados ao sacrifício supremo pelo qual ele se sente também responsável. E neste ponto não pode deixar de se lembrar a meditação angustiada sobre o porquê da missão de Judas, porquê haver um apóstolo condenado à partida pelo facto de lhe caber a tarefa necessária de entregar o Mestre por trinta dinheiros. Quantos dramas pessoais repetem esse exemplo evangélico? «Basta, Senhor, basta! É agora o momento de quebrares o silêncio. Já não te podes calar por mais tempo. Mostra que és a justiça, a bondade, o amor por excelência. Tens de dizer alguma coisa para que o mundo saiba que existes.» Esse silêncio pesado domina o drama de quem tem de escolher entre o amor e a morte, sem saber exatamente onde estão um e o outro. A pressão é máxima, desde a culpa à dúvida, do silêncio ao amor. A apostasia concretizava-se pisando a imagem de Cristo. «Por amor deles, até o próprio Cristo teria apostatado.» E Ferreira dirá ao ouvido do novo apóstata: «Você vai agora realizar o mais doloroso ato de amor de que jamais alguém foi capaz.» Afinal: «Quando o padre assentou o pé no *fumie* nascia a manhã. Ao longe, um galo cantou»...



O drama existencial é tratado magistralmente, não devendo apenas situar-se num momento histórico, projeta-se numa tensão civilizacional, entre as tradições milenares do Japão, o culto dos antepassados e o sincretismo religioso. «O problema da reconciliação do Catolicismo com o meu sangue japonês... ensinou-me uma coisa (diz Endo): que o homem japonês tem de absorver o Cristianismo sem o suporte de uma tradição, de uma história, de um legado, ou de uma sensibilidade cristã. Que resistências, que angústias e sofrimentos tem custado esse esforço! Todavia é impossível resistir-lhe fechando os olhos às dificuldades. Não há dúvida: esta é a cruz peculiar reservada por Deus aos japoneses.»

Guilherme d'Oliveira Martins

Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Nacional de Cultura

<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=wm#inbox/159a83e299927caf> (Publicado em 16.01.2017)